



JUVENTUDE, MULHERES E RURALIDADES: UM OLHAR A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DOS FEIRANTES SUL BRASILEIROS

REISDERFER, Taís¹;
SANTOS, Desirée²;
EVALDT, Naytiara³;
FISHER, Jessica⁴;
ORESTES, Melissa⁵;
VIEIRA, Larissa⁶;
COSTA, Cristiane⁷;
UMPIERRE, Marcia⁸;
CALDASSO, Liandra⁹.

RESUMO EXPANDIDO TRABALHO TÉCNICO-CIENTÍFICO

Grupo Temático: GT 3 - Economia Solidária, Juventude e Diversidades

Resumo

A agricultura familiar desempenha um papel central na produção de alimentos e na sustentabilidade dos territórios rurais brasileiros. No entanto, ainda enfrenta desafios históricos relacionados à desigualdade de gênero, à evasão juvenil e à fragilidade da sucessão no campo. Este estudo busca compreender, por meio de uma abordagem de métodos mistos, a participação de mulheres e jovens em feiras da agricultura familiar nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. A partir da triangulação de dados qualitativos e quantitativos, analisados à luz da análise de conteúdo temática, o trabalho visa revelar padrões, contradições e potencialidades dessas experiências coletivas, destacando os fatores que favorecem ou dificultam a permanência e o protagonismo desses sujeitos no meio rural contemporâneo.

¹ INEESOL/FURG e PPGDTSA/UFPEL, Incubadora de Empreendimentos de Economia Solidária (INEESOL) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), tais.reisderfer@ufpel.edu.br;

² INEESOL/FURG, Incubadora de Empreendimentos de Economia Solidária (INEESOL) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), desifripp@gmail.com;

³ INEESOL/FURG, Incubadora de Empreendimentos de Economia Solidária (INEESOL) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), naytiara.s.v@gmail.com;

⁴ INEESOL/FURG, Incubadora de Empreendimentos de Economia Solidária (INEESOL) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), jessicafischerv@gmail.com;

⁵ INEESOL/FURG, Incubadora de Empreendimentos de Economia Solidária (INEESOL) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), melissaorestes@gmail.com;

⁶ INEESOL/FURG, Incubadora de Empreendimentos de Economia Solidária (INEESOL) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), larissafernandesvieira@gmail.com;

⁷ INEESOL/FURG, Incubadora de Empreendimentos de Economia Solidária (INEESOL) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), cristianesnc@gmail.com;

⁸ INEESOL/FURG, Incubadora de Empreendimentos de Economia Solidária (INEESOL) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), marciaumpierre@gmail.com;

⁹ INEESOL/FURG, Incubadora de Empreendimentos de Economia Solidária (INEESOL) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), liandra.caldasso@gmail.com.



Palavras-chave: Agricultura Familiar; Êxodo Rural; Sucessão Familiar; Equidade de gênero; Desenvolvimento Rural.

Introdução

As feiras da agricultura familiar no sul do Brasil constituem espaços estratégicos não apenas para a comercialização de alimentos, mas também para o fortalecimento de vínculos sociais, a valorização dos saberes locais e o exercício da cidadania por meio da organização coletiva. Nelas, observa-se a presença marcante de mulheres e, em menor medida, de jovens, que desempenham papéis fundamentais na produção, gestão e comercialização, mesmo diante de contextos historicamente marcados por desigualdades estruturais. Essas feiras, muitas vezes impulsionadas por cooperativas, associações e movimentos sociais, são expressão concreta das ruralidades contemporâneas, plurais, dinâmicas e em constante dinamismo (Medeiros, 2017; Schneider, 2010).

A realidade dessas experiências desafia visões tradicionais que associam o campo à masculinização e ao envelhecimento populacional (Breitenbach, 2024; Camarano & Abramovay, 1999), e se articula com uma concepção de desenvolvimento rural que valoriza a agroecologia, a inclusão social e a igualdade de gênero. Nesse contexto, este estudo, baseado em uma abordagem de métodos mistos (Creswell & Clark, 2013), busca analisar a participação de jovens e mulheres em cinco feiras da agricultura familiar no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, utilizando a triangulação de dados qualitativos e quantitativos e a análise de conteúdo temática (Bardin, 1988) para compreender os limites e as potencialidades desses espaços no fortalecimento de um campo mais justo, igualitário, solidário e sustentável.

Metodologia

O estudo utiliza uma abordagem de métodos mistos (qualitativa e quantitativa), conforme defendido por Creswell e Clark (2013), buscando compreender de forma ampla a participação de jovens e mulheres em feiras da agricultura familiar e ecológica no sul do Brasil. A coleta de dados ocorreu entre dezembro de 2024 e maio de 2025, abrangendo cinco feiras nos estados Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Foram entrevistados 218 feirantes, dos quais 182 responderam a um questionário semiestruturado com 35 perguntas, divididas em cinco eixos temáticos.

A análise do artigo foca nos Eixos III (Participação das Mulheres) e IV (Juventude e Sucessão Rural). Os dados quantitativos serão tratados por meio de estatísticas descritivas, enquanto os qualitativos serão analisados com base na análise de conteúdo temática de Bardin (1988). A triangulação dos dados visa garantir maior validade e profundidade às análises.

Resultados e Discussão

A modernização agrícola nas décadas de 1970 e 1980 aumentou a produtividade, mas também intensificou o êxodo rural, especialmente entre jovens (Gasques; Vieira Filho; Navarro, 2010; Camarano; Abramovay, 1999). Entre 1960 e 1980, cerca de 27 milhões migraram do campo para as cidades em busca de melhores condições (IBGE, 2010). Processo agravado pela ausência de políticas públicas eficazes e infraestrutura rural, resultando no envelhecimento populacional, masculinização dos territórios e enfraquecimento da sucessão familiar (IBGE, 2010; Breitenbach, 2024).



As jovens mulheres são as que mais migram, motivadas pela busca de educação, trabalho e autonomia (Vedana et al., 2023; Pizzinato et al., 2016), o que contribui para a perda de saberes e vínculos no campo (Breitenbach, 2024). Mesmo representando 77% dos estabelecimentos e 67% da força de trabalho no meio rural (IBGE, 2017), a agricultura familiar enfrenta exclusão histórica, baixa renda e acesso desigual a políticas públicas (Elias, 2013; FAO, 2020). A ausência de programas voltados à juventude e à equidade de gênero acentua essa marginalização, embora práticas educativas em cooperativas mostrem-se promissoras para atenuar tal problemática (Reisderfer et al., 2025).

As mulheres produzem cerca de 45% dos alimentos (FAO; Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar), mas apenas 19% das propriedades da agricultura familiar são formalmente conduzidas por elas, geralmente em áreas menores (IBGE, 2017). A divisão sexual do trabalho reforça desigualdades e limita o acesso à terra, crédito e políticas públicas (Boneti, 2020; Silva et al., 2021), enquanto o patriarcado estrutural perpetua a invisibilização de seus saberes e desvalorização do seu trabalho não remunerado (Almeida; Nascimento, 2022).

Nesse cenário, o conceito de ruralidades propõe uma visão ampliada do campo como espaço plural e dinâmico (Medeiros, 2017), rompendo com a dicotomia campo-cidade.. A permanência de jovens e mulheres exige políticas públicas integradas que promovam inclusão, agroecologia, formação e valorização dos saberes locais, garantindo a sustentabilidade dos territórios rurais.

A triangulação dos dados qualitativos e quantitativos, ancorada na análise de conteúdo temática (Bardin, 1988), evidencia padrões, contradições e tendências significativas no contexto das ruralidades contemporâneas. A maioria dos entrevistados são mulheres (60,34%), conforme figura 1, confirmando a centralidade das mulheres na participação das feiras e na condução das atividades agroecológicas. Essa predominância desafia visões tradicionais que associam a agricultura à figura masculina e reforça o protagonismo crescente das mulheres na agricultura familiar.

Em relação à faixa etária (figura 2), os dados apontam uma prevalência de feirantes com mais de 40 anos. Apenas 13,88% têm entre 18 e 29 anos, e um percentual ainda menor (2,77%) tem menos de 18 anos. Esses números refletem um processo de envelhecimento da população rural ativa, já diagnosticado por Breitenbach (2024), e reforçam preocupações com a fragilidade da sucessão geracional no campo (Camarano & Abramovay, 1999).

A participação das mulheres na atividade produtiva é expressiva: 89,56% dos entrevistados confirmaram sua presença ativa na unidade produtiva, enquanto apenas 4,40% disseram não contar com essa participação (figura 3). Além disso, 65,25% afirmaram que as mulheres atuam em todas as etapas do processo produtivo, da gestão ao comércio. As demais áreas foram citadas de forma específica: Produção e processamento - 13,37%; Gestão e planejamento - 8,02%; Comercialização - 6,41%; Contabilidade - 3,75%; Compras - 3,2%.

A mulher, na agricultura familiar, exerce funções estratégicas e multifuncionais, nas unidades produtivas, desafiando as visões hegemônicas sobre o papel da mulher no campo e, reconhecendo sua importância para o desenvolvimento territorial do campo, Por outro lado, a divisão das atividades domésticas continua desigual: apenas 35,7% (65 feirantes) disseram haver uma divisão equilibrada, enquanto 29,6% (54 feirantes) afirmaram que as mulheres continuam sobrecarregadas com essas funções. Isso



evidencia a permanência da divisão sexual do trabalho (Boneti, 2020; Silva et al., 2021) e a necessidade de políticas e iniciativas que promovam a corresponsabilidade no âmbito doméstico.

No que se refere à divisão da renda, 79,7% (145) disseram que há igualdade, conforme expresso na figura 4, mas esse dado deve ser analisado com cuidado. Estudos como os de Almeida & Nascimento (2022) apontam que a percepção de “igualdade” pode não corresponder à real autonomia financeira das mulheres, que muitas vezes não controlam diretamente os recursos ou as decisões econômicas. Para além disso precisamos levar em conta também a invisibilização e não remuneração dos trabalhos domésticos realizados em alguns casos exclusivamente por mulheres.

A presença de jovens entre 15 e 29 anos nas propriedades (figura 5) é praticamente dividida: 87 responderam que sim (51%) e 84 que não (49%). Isso confirma a baixa taxa de permanência juvenil no campo, consequência do êxodo rural que se intensificou nas décadas de 1970 e 1980 (Gasques et al., 2010), agravado pela ausência de políticas públicas voltadas à juventude (Elias, 2013; FAO, 2020).

Entre os jovens que permanecem, 60 atuam em todas as atividades da propriedade (gestão, produção e comercialização), evidenciando seu potencial de protagonismo e renovação. Outros dados mostram atuações específicas: Produção - 21; Comercialização - 11; Gestão e planejamento - 3.

Apesar da participação ativa, apenas 57 disseram que os jovens recebem a mesma remuneração que os mais experientes, enquanto 30 afirmaram que há desigualdade (figura 6). Isso revela um reconhecimento limitado do trabalho juvenil, o que pode gerar frustração e incentivar a migração para áreas urbanas.

Quando perguntados sobre incentivos para a permanência dos jovens no campo, 63 (34,6%) responderam positivamente, enquanto 41 (22,5%) disseram não ver nenhum tipo de estímulo (figura 7). A ausência de políticas, como a formação técnica e valorização do campo é um dos principais entraves à sucessão rural sustentável (Schneider, 2010; Reischerfer et al., 2025).

Considerações Finais

Apesar de os dados indicarem percepções positivas em relação à igualdade de gênero e à participação juvenil nas feiras da agricultura familiar e ecológica, a análise revela que essa percepção muitas vezes não reflete a realidade vivida pela maioria dos sujeitos do campo. A aparente igualdade na divisão da renda ou na participação produtiva feminina, contrasta com a continuidade da sobrecarga nas tarefas domésticas, com o acesso desigual aos meios de produção e com a desvalorização do trabalho não remunerado das mulheres. No caso dos jovens embora haja envolvimento em diversas etapas do processo produtivo, as desigualdades salariais e a ausência de políticas públicas consistentes dificultam a permanência no campo e a sucessão rural.

Esse descompasso entre percepção e prática pode, em parte, ser explicado pelo contexto em que se insere a pesquisa: feiras marcadas pela presença de grupos organizados coletivamente, como cooperativas, associações, movimentos sociais, sindicatos e empreendimentos de economia solidária. Essas iniciativas, reconhecidas por sua capacidade de articulação e mobilização, têm desempenhado um papel fundamental na promoção de práticas mais justas, solidárias e sustentáveis no meio rural (Reischerfer et al., 2025). Elas fortalecem a autonomia de mulheres e jovens, promovem espaços de



formação política e técnica, estimulam a agroecologia e favorecem redes de apoio mútuo, elementos que contribuem para um ambiente mais igualitário, ainda que limitado a contextos específicos e organizados.

As conclusões do estudo apontam, portanto, para a importância de políticas públicas que reconheçam e fortaleçam essas experiências coletivas, garantindo seu alcance a um número maior de famílias agricultoras. A valorização das ruralidades como espaços plurais e dinâmicos, conforme propõem Medeiros (2017) e Schneider (2010), exige o rompimento com a visão tradicional do campo e o investimento em estratégias de desenvolvimento territorial que integrem justiça de gênero, inclusão produtiva, sucessão familiar e fomento à organização coletiva. Só assim será possível consolidar um meio rural verdadeiramente justo, onde mulheres e jovens possam permanecer com dignidade, protagonismo e autonomia.

Referências

- ABRAMOVAY, R. O futuro das regiões rurais. São Paulo: Funep, 2000.
- ALMEIDA, J. R.; NASCIMENTO, M. F. Mulheres Rurais: invisibilidade e luta por direitos no Brasil. Revista de Gênero e Direito, v. 11, n. 2, p. 120-135, 2022.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1988.
- BONETI, L. W. Divisão sexual do trabalho e invisibilidade feminina na agricultura familiar. Cadernos Pagu, n. 59, e 205903, 2020.
- BREITENBACH, R. Jovens mulheres rurais estudantes das ciências agrárias: não querem ou não têm oportunidade de serem sucessoras. RESR – Revista de Economia e Sociologia Rural. V. 62 (1), p. 1 -17, 2024.
- CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. Êxodo Rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos. Rio de Janeiro: IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, p. 1- 28, 1999.
- CRESWELL, J. W.; CLARK, V. L. Plano. Pesquisa de métodos mistos. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.
- ELIAS, D. Globalização, Agricultura e Urbanização no Brasil. Boa Vista: ACTA Geográfica. Edição Especial Geografia Agrária, p. 13-32, 2013.
- FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. (2020). O estado da segurança alimentar e nutrição no mundo 2020. Roma.
- GASQUES, J. G.; VIEIRA FILHO, J. E. R.; NAVARRO, Z. A Agricultura Brasileira : desempenho, desafios e perspectivas. Brasília: IPEA, v. 1, 2010.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010: Características da população e dos domicílios - Resultados do universo. Rio de Janeiro, 2010.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2017). Censo Agropecuário 2017: Resultados Definitivos. Rio de Janeiro, 2017.



PIZZINATO, A.; CALDERÓN, M. U.; COSTA SOUZA, L. A.; BURTON, L. F. Proyecciones de Futuro y Vida Familiar de Jóvenes Mujeres del Campo. P. M. Latinoamericana: Ciências Psicológicas. v. 10 (2) p. 143 – 155, 2016

MEDEIROS, R. M. V. Ruralidades: novos significados para o tradicional rural. Revista de Ciências Sociais, v. 48, n. 1, p. 173-194, 2017.

REISDERFER, T.; BECKER, C.; TAVARES, L. F.; KAUFMANN, M. P. Ações Fomentadoras de Práticas Educativas Cooperativas: uma análise da Cooperativa Agropecuária COOPERJA. In: 63° SOBER - Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, In Loco, 2025.

SCHNEIDER, S. Agricultura familiar e o novo mundo rural: origens e evolução das políticas públicas no Brasil. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2010.

SILVA, A. C. *et al.* Gênero, acesso à terra e políticas públicas na agricultura familiar. Desenvolvimento em Debate, v. 9, n. 1, p. 77-94, 2021.

VEDANA, Roberta; SHIKIDA, Pery Francisco Assis; ARENDS-KEUENNING, Mary Paula. Empoderamento feminino na agricultura: um estudo na Lar Cooperativa Agroindustrial (Paraná). RESR - Revista de Economia e Sociologia Rural. V. 61(2), p. 1 – 22, 2023.